

## Com santos e encantados:

### Produção e incorporação de entes materiais e espirituais no terecô de Codó

(Maranhão)<sup>1</sup>

Conceição de Maria Teixeira Lima<sup>2</sup>

O terecô é considerado a religião afro-brasileira tradicional de Codó e sem dúvida é uma das expressões religiosas mais fortes desse lugar. Muitos de seus rituais, como a gira, são marcados pelo o toque de tambores e cabaças, acompanhados por doutrinas que levam à incorporação de entidades espirituais conhecidas como encantados. Os espaços nos quais os terecozeiros realizam seus rituais são chamados de tendas. A maioria das tendas é identificada por nomes de santos católicos, como, por exemplo: a tenda espírita de umbanda Santa Helena e tenda espírita de umbanda São Domingos. Além da composição do nome social das tendas, os santos católicos estão envolvidos em outras práticas no terecô. Muitas das imagens presentes nos altares dos espaços religiosos foram solicitadas pelos encantados dos pais e mães de santo. Dependendo da popularidade do santo, algumas imagens são mais difíceis de encontrar do que outras, e por isso, os terecozeiros criam estratégias ou acionam suas redes de relações para obtê-las. Em outros casos uma imagem de santo é adquirida por meio de herança de obrigações ou promessas entre parente. A partir dessas vivências, este trabalho tem objetivo pensar os trânsitos, agências e sentidos dos santos na vida dos brincantes de terecô, na cidade de Codó.

**Palavras-chave:** terecô, criatividade, materialidade

### Introdução

Em Codó, cidade localizada ao leste maranhense, é muito comum ouvir entre as pessoas que “*vai ter terecô*” na casa de determinado pai ou mãe de santo. Outras falam que vão sair para “*brincar terecô*” ou “*ver terecô*”. Essas expressões estão ligadas ao tempo dos festejos nas tendas da cidade, os espaços no quais os terecozeiros realizam suas obrigações e rituais. O terecô é uma religião afro-brasileira de forte expressão e se apresenta como uma manifestação cultural religiosa tradicional de Codó, (FERRETTI, 2000; 2001; BARROS, 2000; AHLERT, 2013). É uma religião de convivência com entes espirituais chamados de encantados. O termo encantado se aplica para seres que foram pessoas que viveram na terra e que em algum momento sofreram a ação do encantamento, sendo assim não estão nem vivos e nem mortos e podem continuar suas vivências na terra por meio da incorporação, aparições ou presenças em sonhos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 3 de setembro de 2022.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão.

As tendas de terecô são muito conhecidas por meio dos seus festejos, o momento mais público e aberto dessa religião. Esses espaços produzem expressiva presença na dinâmica da cidade por meio desses eventos, pois durante o ano cada tenda realiza em média duas festas, o que permite uma constante promoção de festejos na cidade. A Associação de Umbanda, Candomblé e Religiões Afro-Brasileiras de Codó e Região são responsáveis pelo registro oficial das tendas. O processo de registro resulta em um nome social presente na fachada ou na entrada de uma tenda. A maioria desses nomes é composta em referência a santos católicos: Tenda Espirita Santa Bárbara; Tenda Santa Bárbara e Glorioso Santo Antônio; Tenda Espirita de Umbanda São Cipriano.

O tempo da festa produz um grande fluxo de contato entre pessoas, encantados, santos e tendas. Não só as tendas, mas as casas dos pais e mães de santo se abrem aos visitantes e brincantes do terecô. Os santos são homenageados com orações e ladainhas antes da abertura do tambor. Os encantados vêm para dançar, cantar, beber e festejar com os visitantes e os anfitriões da festa. Os salões<sup>3</sup> e pátios das tendas se preparam com estruturas de sons, mesas, cadeiras, comidas e bebidas para que as pessoas possam chegar e permanecer de forma confortável e prazerosa. Há sempre o espaço para a fogueira que aquece e afina os tambores que são utilizados para dar movimento a gira. Os encantados transitam entre o salão e o pátio, ora bebendo ora conversando com pessoas ou com outros encantados. Esse fluxo de diferentes seres e objetos é uma das maiores expressões das relações no terecô.

Os terecozeiros constituem suas vidas juntamente com entidades, divindades, santos, lugares, astros da natureza, objetos, músicas, entre outros. E esse modo de vir a ser depende de um constante investimento nas relações com seres diversos e distintos (AHLERT, 2021). Seguindo esse sentido pretendo pensar como se dar a produção dos santos católicos nas relações no terecô. Como produção estou pensando o processo de construção de sentidos e modos de presença nas relações existentes. Na sua discussão sobre fluxos materiais, Ingold (2012) fala sobre a diferença entre coisa e objeto. Ele começa por refletir sobre como os ambientes, sem as coisas, seriam inabitáveis. As

---

<sup>3</sup> Geralmente uma tenda é constituída por uma parte coberta, também chamada de salão, e outra parte aberta, o pátio. No salão encontramos o altar e alguns quartos de santo e de encantados. É nesse espaço que se costuma realizar a gira de tambor. No pátio encontramos o cruzeiro e alguns assentamentos. Nos festejos esses espaços são organizados de modo que no salão acontece a gira, e o pátio fica disponível para uma estrutura de som eletrônica que toca músicas populares como arrocha, forró, bregas, entre outros.

coisas, diferentes de objetos que estão formados, estão acontecendo enquanto meio ou via que outros acontecimentos sejam possíveis. No terecô os santos participam das relações e obrigações entre pessoas e entidades, e para os terecozeiros eles trazem força, sabedoria, cura e devoção. Nesse sentido, investir nos santos é oportuno para a continuação das relações e para atualização do terecô.

Goldman (2005) discute sobre as formas de existência de diferentes seres e sujeitos nas religiões de matriz africana a partir da sugestão de uma ontologia múltipla presente no candomblé. As multiplicidades presentes nessa religião, quando vista somente pela ótica do sincretismo, nos faz perder de vista as capacidades e características estruturais do sistema religioso que orientam as suas relações com outros subsistemas sociais. Adiante, pontua que algo mais inteligível seria considerar que “processos como a compensação ou ascensão social implicada na possessão e na organização do culto, estão ligados a um estabelecimento de continuidades entre segmentos usualmente descontínuos” (GOLDMAN, 2002, p. 105), e explicita:

Da mesma forma, em vez de reduzir o sincretismo religioso a uma pura incapacidade para absorver preceitos religiosos demasiadamente abstratos, ou a uma assimilação de arquétipos inconscientes, ou ainda, a uma aceitação de uma ideologia de classe, conviria, antes, admitir que um sistema assentado no ritual e na busca de continuidades, possui uma grande flexibilidade e um enorme poder de assimilar as novas realidades com as quais a história o confronta. (GOLDMAN, 2002, p. 105).

No terecô as experiências das pessoas junto aos seus encantados são fonte contínuas de criação dessa religião (AHLERT, 2013). Enfatizando a incorporação dos santos no terecô, pretendo pensar que esse contato é ininterrupto, e como nos fala Roy Wagner (2010), ele se apresenta como o processo de visualização da criação cultural, na qual surgem novas formas de classificar, de simbolizar e nomear coisas e ventos. Vale ressaltar que o processo de criação para este autor não está relacionado com inovação ou algo extraordinário, mas com as experiências e experimentos cotidianos que estendem os significados já existentes na vida dos entes envolvidos.

Ao entrar nas tendas nos damos conta da forte presença de santos católicos. Esta pode ser por meio de esculturas dispostas em diferentes altares ou por imagens impressas em quadros nas paredes. A princípio as imagens parecem objetos estáticos que fazem parte de um conjunto de elementos que compõe os altares, pontos ou mesas de oração. A partir de algumas narrativas dos encantados e dos pais e mães de santo, pude notar outros modos de presença e agências

desses seres, exercício que pretendo descrever e analisar nesse trabalho. Por outro lado, essa existência não está dada, assim como as pessoas e encantados, os santos estão em contínuo processo de transformação. Os seus trânsitos, agências e sentidos estão conectados as diversas práticas dos brincantes. Assim, trago algumas dessas questões a partir do modo como os terecozeiros vivenciam e recriam o terecô.

### **A chegada dos santos: trajetórias, sentidos e homenagens**

A Tenda Espírita de Umbanda São Domingos do pai de santo Raimundinho realiza em torno de três festas, anualmente: festejo da Tenda São Domingos, festa para Cosme e Damião e a festa para Santa Luzia. Além desses existem outros rituais, como o tambor de Aleluinha que acontece quando a tenda sai do retiro da quaresma. O pai de santo é mais conhecido como Raimundinho Pombo Roxo, em referência ao seu encantado guia – Pombo Roxo. A tenda é oficialmente composta por seus filhos e filhas de santo e uma equipe chamada de diretoria, formada por uma diretora, uma secretaria e uma tesoureira.

Seu Raimundinho é um senhor de mais de oitenta anos muito simpático, sorridente e calmo. Quando falava sobre a construção de sua tenda especificava que antigamente as tendas não eram conhecidas por um nome social, as festas eram feitas em compartimentos das próprias casas ou na área do quintal. No começo de sua vida no terecô, fazia apenas uma festa em comemoração ao seu encantado Pombo Roxo. Em suas andanças pelo o estado, recebeu a incumbência de cuidar de um barracão em Bacabal, mas por não se sentir bem seguiu em caminhada. Em Santo Amaro, cidade do litoral do maranhense, construiu sua primeira tenda que não perdurou por causa de problemas com o terreno. Seguindo pelo litoral chegou a São Luís onde ficou por um tempo no terreiro do pai de santo Gerson, no bairro do Olho d'Água. Depois dessa breve passagem pela capital, voltou para o mesmo lugar onde nasceu Galileia, um povoado da cidade Codó. Nesse povoado abriu uma casa para atender pessoas e tocar tambor, mas novamente não conseguiu perdurar. De Galileia, foi para o contexto urbano de Codó, onde finalmente pode permanecer e construir a sua tenda.

Depois da construção da tenda que passou por várias etapas ate chegar à estrutura de alvenaria, Raimundinho deu inicio ao processo de registro desta. Em Codó descobriu que o Mestre Bitá do Barão era o presidente regional da Federação de Umbanda e Cultos Afro-brasileiros e, assim, teve conhecimento de que ele poderia

documentar sua tenda. Raimundinho já sabia que o nome de sua casa seria em homenagem à Santa Bárbara, mas Bitá o advertiu comentando que a popularidade daquela santa nos registros de muitas tendas poderia lhe ocasionar poucos visitantes em sua festa, já que ele teria que competir com muitas tendas em festejo, no mesmo período.

Sua próxima opção era a de homenagear São Domingos e sendo advertido mais uma vez - agora pelo fato de ser um santo pouco conhecido - preferiu apostar na sua escolha, expressando que *“quem fosse pra lá ia, quem viesse pra cá, vinha. Os que iam pra lá não era dele, os que viessem pra cá eram dele”*. Seu Raimundinho, advindo de inúmeras tentativas de firmar sua tenda, sabia que precisava continuar apostando em diferentes experiências, as quais poderiam ter sucesso ou não. Para ele havia os que “eram” dele e os que não “eram” dele, suas andanças indicam esse esforço de encontrar os seus, aqueles com quem poderá contar no cuidado com a tenda e com a vida.

Após a oficialização do registro, era necessário compor a tenda com a imagem do santo. Pelo fato de não tão popular, Raimundinho teve dificuldade em encontra-lo. Nem mesmo ele conhecia, não sabia como era São Domingos. Diante disso resolveu ir até um escultor de santo chamado Miranda, na época este artesão tinha uma pequena loja próxima ao antigo cinema da cidade. No local foi informado que não havia fôrma para esse santo. Outra possibilidade era tentar encomendar em São Luís, lugar para o qual Miranda fazia periódicas viagens. Em uma delas Seu Raimundinho o aguardou esperançoso, porém nenhuma imagem foi encontrada.

A tenda do pai de santo já era bem frequentada. Frequentemente recebia pessoas para tratar, recebia visitas de amigos e parentes. Em todas essas ocasiões costumava compartilhar sua sina em busca de São Domingos. Numa dessas conversas soube que sua prima tinha uma imagem de tamanho bem pequeno do referido santo. Sua reação foi prontamente de pedi-la em empréstimo para uma possível referência na fabricação de uma cópia em tamanho maior. A partir desse modelo, Miranda conseguiu produzir a imagem de São Domingos no tamanho que Seu Raimundinho desejava. A imagem que compõe o altar da tenda hoje ainda é a mesma, um santo com túnica branca que segura uma criança no colo.

Como forma de comemorar a entrada da imagem do santo na casa decidiu fazer seu primeiro festejo no dia que corresponde a São Domingos, dia 4 de agosto. Lembra

até hoje como teve poucos visitantes nessa festa, no entanto, como sua tenda já tinha fama começou a receber convites para se fazer presente, junto com seus filhos de santo, em outros festejos. Nessas empreitadas gostava de observar os modos como outros pais e mães de santo faziam suas festas, como as tornavam mais atrativas. Contava que aquilo que poderia levar para sua casa tentava refazer, aquilo que ainda não tinha condições financeiras para realizar serviam como futuras aspirações.

Convivendo com os terecozeiros, transitei por inúmeras tendas, as quais sempre existem uma espécie de altar com a presença de inúmeras imagens de encantados, orixás e santos católicos. Nas paredes era possível também notar muitos quadros ou pinturas que expressavam as imagens desses seres espirituais. Com o tempo fui percebendo que a presença dessas imagens falava tanto sobre relações de promessa, devoção e gratidão, como também de agência e participação desses seres nos trabalhos espirituais realizados entre os terecozeiros.

Dona Zeca, filha de santo de Seu Raimundinho, realiza todo ano uma festa para Santa Luzia. O evento ocorre nos dias doze e treze do mês de dezembro, período referente ao dia da santa no calendário católico. Tive a oportunidade de participar dessa festa em 2016, quando me tornei mais próxima de Dona Zeca e de seu encantado Lourenço Légua. No dia doze, segui bem cedo para a tenda São Domingos para acompanhar uma alvorada para Santa, momento que marca o início do festejo. Nessa cerimônia, rezamos o terço, ladainhas, a oração de referente à santa e encerramos com cantos e muitos fogos. Na ocasião todos foram convidados a voltar no início da noite para o toque de tambor.

Antes do tambor começar foi servido um jantar para os presentes que se acomodavam em vários espaços da casa e do pátio da tenda. Após a refeição regrada a muitas conversas, brincadeiras e elogios à boa comida, os filhos e filhas de santo se recolheram para por suas roupas de santo. Os visitantes se aproximaram do salão, alguns entram e sentaram, outro aguardaram em pé na parte de fora. De dentro da tenda pude avistas uma filha se organizando para dar entrada no salão. O pia de santo vinha à frente de Dona Zeca e outro brincantes da casa. Sua chegada foi acompanhada por um toque de mina, muito presente nas aberturas de tambor em Codó. Com a chegada dos encantados deu-se seguimento a gira que agora era embalada por o toque de tambor

virado pra mata. A noite seguiu com muitas homenagens à santa e a Zeca, a realizadora do festejo.

No segundo dia da festa cheguei à tenda no final da tarde. Antes mesmo de encontrar com o pai de santo me deparei com Santa Luzia no pátio esperando por seus convidados e visitantes. Ela os aguardava em um andor enfeitado com flores das mais variadas cores. O andor esta disposto numa mesa o que permitia a santa ficar numa altura próximo aos nossos olhares. A primeira coisa que fiz foi registrar uma imagem por fotografia, mesmo assim, eu e os presentes não parávamos de olhar para ela. Eu já sabia que naquele dia a festa começaria com uma procissão para a santa, estava curiosa em ver sua imagem e como ela seguiria na caminhada conosco. Dona Zeca foi bem caprichosa na preparação do andor, Santa Rita parecia bem feliz.

Após o janto nos organizamos para sair às ruas de Codó rezando e cantado com a santa. No trajeto, algumas pessoas se reversavam para seguram o andor, muito como forma de respeito e consideração à santa. Ao retornar para a tenda a santa foi posta numa mesa improvisada ao lado do altar, de modo que ficasse de frente para a gira de tambor. Sua imagem costuma ficar em um altar disposto na parte de cima de um dos cantos da parede do salão. Quando sua devota realiza sua festa, a imagem é retirada desse local para transitar por entre mãos, andor e mesas. A cada espaço que a imagem passa há sempre palavras de agradecimento por uma graça alcançada ou de pedidos de bênçãos. Para dona Zeca essa era uma noite abençoada pela santa.

Algum tempo depois tive conhecimento que Santa Rita havia tendido um pedido de cura de dona Zeca. A partir de então passou a contribuir com a festa da santa, que na ocasião, era realizada por seu primo, também filho de santo da tenda São Domingos. Ajudar na feitura da festa era uma forma de pagar sua promessa e demonstrar sua devoção. Por motivo de trabalho seu primo teve que mudar de cidade e quis saber se Zeca poderia continuar com essa obrigação. A princípio, a filha de santo ficou receosa em aceitar o pedido, pois sabe o quanto é dispendioso realizar uma festa. No entanto, em consideração à graça que recebeu da santa decidiu continuar com o festejo.

Zeca contou que Santa Rita chegou a sua família como uma obrigação que foi pedida pelo encantado do seu primo, João Soeira. Seu primo também teria feito uma promessa para a santa e foi atendido, no entanto, quem definiu a forma de retribuição da graça foi o seu encantado. Essa era uma forma do encantado também fazer suas

homenagens para santa, uma vez que sempre se manifestava para saudá-la durante as giras. Ele costumava dizer que Santa Rita era uma santa “*boa para se trabalhar*”, por isso merecia grande homenagens.

Conversando com Luizinha, mãe de santo da tenda Santa Helena, pude entender um pouco mais sobre esse modo de alguns encantados se referir aos santos. O altar central da sua tenda é constituído em formas de degraus uniformes. Estes são preenchidos por inúmeras imagens de santos de tamanhos variados. Além do altar, há imagens em pequenas prateleiras nos cantos das paredes e também dispostas no chão. Certa vez quis saber com Luizinha teve acesso a tantas imagens. Ela logo sorriu e disse que nem conhecia muitos dos santos que estavam no seu salão. Vendo minha expressão de curiosidade, explicou que eles eram exigências de seus encantados. A imagem de Nossa Senhora da Conceição foi um pedida feito por seu encantado; nos cantos do salão havia uma grande imagem de São Lázaro, solicitado pelo encantado Duardo Légua; numa prateleira mais à cima, Menino Jesus de Praga, demanda de sua cabocla da mata.

Sobre outras imagens como a de Santa Helena, São Francisco, Padre Cícero adquiriu em suas viagens anuais à Romaria de Canindé, em Ceará. Outros como Santa Bárbara, São Sebastião, Santo Expedido chegaram a sua casa como forma de presentes e agradecimentos de amigos e clientes da tenda. Observar as narrativas sobre os santos que compõe a tenda era perceber sobre como esses seres habitavam as tendas, ao mesmo tempo, que as tronavam habitáveis. Isso se deve ao fato desses objetos não serem vistos pelos terecozeiros como algo estático.

São Lázaro é um santo conhecido pelo seu poder de curar os doentes e cuidados com os animais. Para o encantado Duardo Légua que realiza trabalho de curas e de cuidados espirituais, este santo era bem associado às demandas dessa corrente. Por isso quando iniciava seus trabalhos consumava fazer a oração de São Lázaro junto a sua imagem. Da mesma forma, São Jorge é um santo trabalhador no terecô, diante de um pequeno translado me explicou como ele atua nos seus afazeres:

*E esse aqui é São Jorge! Esse aqui é de Ogum, um santo muito valioso dentro da Umbanda. Ele... A gente tem muita coisa que a gente aprende com ele na lua, não sabe?! Na lua cheia, porque ele sempre representa a lua, não é?! Aí a gente faz as obrigações da gente e olha lá e ele vai dando as dicas com essa flecha que ele tem lá na lua, e aí ele vai dando as dicas. Qual a estrela que pode, às vezes, lhe dar um tipo de sabedoria... Você*



*pede assim: “Oh São Jorge, que vós está na lua! Me dê a teoria de como eu faço o trabalho de “fulano de tal””. Aí às vezes ele não pode te dizer: “tu faz assim!”, mas ele aponta estrela que você tem de se apegar. Aí você pega aquela estrela e lá pisca com você e vai lhe dando a dica. Então é um santo muito poderoso! Pra mim, é! (Dona Luizinha, extrato de diário de campo, janeiro de 2017).*

Nesse caso, o santo é associado a um elemento da natureza que faz a mediação entre o seu conhecimento e os impasses de Luizinha. Ele atua em conformidade com a lua. Sua agência pressupõe uma relação de elementos distintos próprias das práticas do terecô. Essa ação está pautada num conjunto de relações presente nas correntes que são formadas por encantados, orixás, santos, plantas, comidas, pedras, lugares e astros. No terecô, as pessoas, os encantados, as plantas, animais são vistos como seres que oferecem possibilidade de investimentos, podendo vir a ser parceiros ou não. Os santos também fazem parte desse modo de relação.

### **Considerações Finais**

A presença dos santos faz referências a diversas situações e sentidos da vida dos terecozeiros. Eles participam da constituição da tenda, seja na composição do nome social desses espaços, ou preenchendo altares, mesas, prateleiras e quadros em paredes. Essa presença material torna a tenda habitável a partir do que os terecozeiros entendem como reconhecimento, devoção e gratidão. Eles chegam à vida dos brincantes de inúmeras formas, pode ser um presente, uma demanda de seus encantados, uma forma de pagar uma promessa ou como representação material de um processo de oficialização de uma tenda.

Seus modos de permanência também não se reduzem somente as experiências de devoção dos terecozeiros. Os santos contribuem para continuidades de práticas festivas e de obrigação. Entram nas correntes para dar força, sabedoria e cura. São acolhidos e estimados pelos encantados por serem boas parceiras para trabalhos espirituais. Suas formas materiais ganham movimento ao acompanhar as obrigações e desejos dos brincantes. Esse trânsito lhes confere novas formas e sentidos, indicando como os espaços podem ressaltar seus valores e suas presenças.

### **Referências**

AHLERT, Martina. *Cidade Relicário: uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão)*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BARROS, Sullivan Charles. *Encantaria de Bárbara Soeira: a construção do imaginário do medo em Codó – MA*. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

FERRETI, Mundicarmo. *Desceu na guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti*. 2. ed. São Luís: EDUFMA, 2000.

\_\_\_\_\_. Terecô, a linha de Codó. In: PRANDI, J. Reginaldo (Org.). *Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.18, n.37, p.25-44, Junho 2012.

WAGNER, Roy. *A invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.